

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesense
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

Vimaranenses no Brasil



De fugida, ocultando-se, como se viesse cometer um crime, ai andou Luis Pereira, a alma grande e coração generoso que vibram sempre de entusiasmo e de amor por esta Guimarães que foi seu berço e que, através da vida, constitue sempre a grata recordação da infância longínqua e a deliciosa saudade dos seres que mais amou.

Não sabemos se o Luis Pereira gostará que se torne público o motivo que o trouxe a Guimarães, de fugida, ocultando-se, como se viesse cometer um crime... Não sabemos, nem queremos saber...

Temos de o denunciar aos aplausos dos seus conterrâneos; temos de apresentar o seu exemplo como estímulo a todos os que podem auxiliar a nossa querida terra nos seus progressos e na sustentação das suas casas de beneficência que tanto honram a piedosa e boa alma vimaranense.

Sempre que vai àquela terra abençoada, segunda pátria dos filhos de Portugal, que procuram um refúgio às suas desditas, ou mais largos horizontes à sua actividade, no Brasil, o Luis Pereira não se esquece da sua querida Guimarães, promovendo sempre festas, benefícios, cujo producto se destina, especialmente, ao embelezamento da nossa encantadora Penha.

E, assim, tem conseguido enviar as seguintes importantes quantias:

Em 13 de Julho de 1908..	...	100\$000
Em 5 de Agosto de 1908.	...	100\$000
Em 18 de Setembro de 1909...		674\$375
Soma . . .		874\$375



Luis Antonio Pereira

Juiz da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo, da Penha

Transporte. . . .	874\$375
Em 26 de Novembro de 1909..	100\$000
Em 4 de Outubro de 1910 ...	100\$000
Em 30 de Outubro de 1911 ...	1:000\$000
Em 30 de Novembro de 1912 .	600\$000
Soma... 2:674\$375	

O que veio, pois, fazer a Guimarães no dia 30 de Novembro último, de fugida, ocultando-se como se viesse cometer um crime, foi entregar o producto dum beneficio, realizado por sua iniciativa no Rio de Janeiro, cujo saldo foi de 1:100\$000 réis,

que Luis Pereira distribuiu da seguinte forma:

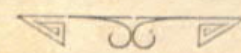
Para as obras da Penha, 600\$000 ;
A' Creche de S. Francisco, 200\$000 ;
Ao Asilo de St.ª Estefânia, 200\$000 ;
Ao Asilo do Campo da Feira, 100\$000 .

Isto é importante pelo seu valor real, e importantissimo pelo seu significado — são corações que, lá ao longe, vibram de amor pela pátria; são homens que merecem os louvores e as homenagens dos seus conterrâneos.

Luis Pereira teve a coadjuvâ-lo os snrs. Luis Terra, comendador José Gonçalves Guimarães, D. Laura Guimarães, José da Nova Monteiro e António dos Santos, que merecem também o nosso reconhecimento; mas o que chega a comover-nos é a lembrança da solicitude, do interêsse com que auxiliaram Luis Pereira seus irmãos, Manuel José Pereira e Domingos António Pereira, João Teixeira Afonseca Aguiar e Jeronimo Sampaio,

cujo entusiasmo pelos progressos da sua querida Guimarães devem ter aumentado, se é possível, com o amor que sempre lhe consagrou e que a saudade talvez tenha tornado maior.

A todos, a Luis Pereira pela sua iniciativa benemérita e patriótica, aos que o auxiliaram no seu empreendimento, o «Lusitano» apresenta as suas homenagens de gratidão e reconhecimento, com a certeza de que interpreta o sentir de todos os que amam o progresso e o engrandecimento de Guimarães.



“EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO,”

Conferência realizada no teatro Afonso Henriques, pelo sr. dr. Alfredo Pimenta

Prometemos no passado domingo dar hoje uma notícia desenvolvida da conferência realizada no dia 28 de Novembro pelo nosso estimado conterrâneo sr. Dr. Alfredo Pimenta, no teatro D. Afonso Henriques, e vamos mimosear os nossos leitores com toda essa bela peça oratória, transcrevendo-a da *República* onde foi publicada.

Escusado será repetir que o importante discurso do sr. Dr. Pimenta causou para ai muitíssimos amargos de boca aos nossos arrelviados democráticos que esperavam do ilustre conferente um apêlo aos corações magnânimos das nossas gentis conterrâneas, mananciais puríssimos de generosidade para que se abrissem em prol da infância, quando êle, apenas apêlo para os mesmos magnânimos corações, mananciais puríssimos de generosidade, de bondade e de perdão, para que perdoassem aos republicanos, aos democráticos, perversamente maus uns, chapadamente estúpidos alguns, abertamente malcreados muitos e manifestamente coerentes e cordatos muito poucos, as injúrias ed esmandos que eles teem praticado.

O apêlo do sr. Dr. Pimenta foi mais grandioso do que eles esperavam.

Eles queriam um apêlo trivial, sem valor, que ficaria bem em qualquer pregoeiro barato de comícios, dêsse que nós possuímos aos cardumes, que não saem da lágrima de Jeremias com entranhas de fera, mas que seria banal, grotesco até, na envergadura mental e intelectual do talentoso orador que veio de tam longe à terra que o adora e que êle estremece trazer-nos, com a sua palavra de homem honrado e sincero, um pouco de alívio e de satisfação nesta triste conjuntura, porque veio demonstrar-nos que, apesar do desfazer de feita em que se caminha, ainda há quem pense na pátria, quem olhe para a pátria, quem queira salvar a pátria.

Esqueceram-se os super-homens que, sem o apêlo às damas para que perdoassem, não poderia ter lugar êsse outro para que auxiliassem, porque as damas teem inevitavelmente de perdoar antes de auxiliar, porque foram muito ofendidas, muito maltratadas por alguns dêsse que hoje sollicitam o seu auxílio, e êsse perdão só poderia ser pedido por um homem com o passado e a autoridade do sr. Dr. Alfredo Pimenta e nunca por qualquer bonifrate político da craveira de um Justininho, por exemplo, que disse que o orador precisava de ser... corrido à batata!

Quanto ao tema, o orador cingiu-se brilhantemente a êle.

Educação e instrução era êle e o orador, pondo em relevo que êsses predicados eram mais necessários hoje nos adultos que nas crianças, disse—educuemo-nos e instruoamo-nos para podermos instruir e educar as crianças.

Foi o que nós compreendemos quanto ao tema e não nos tendo na conta de finos, também não nos julgamos tolos de mais.

Quanto ao resto foi uma castanha que estalou na democracia gente.

Eis a conferência:

Minhas senhoras e meus senhores—Convidado a vir à cidade de Guimarães, nunca me recuso a fazê-lo. Guimarães tem no meu coração um lugar muito especial, pelo affecto que lhe dedico, pelo quasi filial carinho que lhe devo. Guimarães é a minha terra, a terra da minha infância distante, a terra dos meus primeiros amo-

res e das minhas primeiras tristezas, das minhas primeiras aspirações e das minhas primeiras loucuras, a terra dos meus primeiros sonhos e das minhas primeiras magoas. Nesta terra, há muito do que é particularmente ligado ao meu coração, desde o cadáver sagrado de meu pai que nesta terra dorme o sono último até às melhores das minhas melhores amizades que desta terra são e nesta terra vivem. Eu não deixava, pois, de vir até Guimarães, cidade que sempre amei, mesmo naquelas afastadas ocasiões em que natural era que eu não pudesse amá-la. E aqui estou a colaborar nesta festa nobre em que há um pensamento alevantado de progresso e de futuro. E muito propositadamente escolhi para tema da minha conversa as duas palavras—*instrução, educação*—, porque na actual hora melindrosa da sociedade portuguesa, o que mais necessário se está tornando é que haja quem *instrua* e quem *eduque*. Guimarães não vive hoje absolutamente isolado de Portugal. Os jornais de Lisboa já aqui chegam no mesmo dia e, por isso, pelos jornais ao menos, a cidade de Guimarães já sabe de há muito que em 5 de Outubro se proclamou, em Lisboa, a República. Porque o regimen monárquico, pela deficiência da sua estrutura e pelos erros dos seus homens, se incompatibilizasse com o progresso da terra portuguesa, houve necessidade de transformar o regimen político. Mas para que essa transformação seja real, fecunda e útil, é preciso que a *instrução* e a *educação* intervenham. *Instrução e educação* são cordas diferentes: a primeira forma as qualidades mentais, visa o cérebro; a segunda forma as qualidades effectivas ou sentimentais, visa o que nós chamamos o coração; uma e outra combinadas dão em resultado o *carácter* das pessoas. Pode-se ser instruído e não se ser educado; pode-se ser educado e não se ser instruído. Na primeira ou na segunda hipótese, há imperfeição. Estas duas funções, *instruir e educar*, podem dirigir-se às crianças e aos adultos. Sempre que nos dirigimos às crianças, temos de ter a maior cautela no que lhes transmitimos, dado o grande poder de receptividade das crianças. Entendo que só se lhes deve ensinar aquilo que fôr independente da nossa maneira de ser pessoal, aquilo que não fizer parte da nossa personalidade particular.

Assim, entendo que duas matérias há que devemos excluir do ensino ministrado às crianças: política e religião. Nesse assunto devemos deixar as crianças na mais clara e inegável neutralidade, porque ambas essas manifestações do espírito humano e do coração humano são coisas variáveis nas suas fórmulas e nos seus símbolos, nos seus dogmas e nos seus princípios.

Mas mais do que as crianças, estão precisando de *instrução e educação*, os adultos. Para êsses se dirigem particularmente, neste momento da vida portuguesa, os nossos melhores cuidados, as minhas melhores atenções.

Instruir e educar... Minhas senhoras e meus senhores! As revoluções não criam estadistas e homens de governo, não produzem homens que saibam administrar e dirigir os negócios públicos. As Revoluções apenas mudam o condicionalismo político dos povos, dando aso a que elementos novos surjam, elementos que se prepararam, estudando e observan-

do. Porque em Portugal não se disse isto de modo a ouvir-se, aconteceu que quando a revolução de 5 de Outubro triunfou, toda a gente se pôs a olhar para o ar à espera de que caísse milagrosamente do ar pão para todas as bocas famintas e carinho para todos os corações tristes. Breve veio a decepção e com a decepção o esfriamento...

Instruir e educar... Sim! instruir e educar a nação portuguesa, porque só pela instrução e pela educação êste povo se transformará e poderá progredir, porque só pela instrução e pela educação a nossa melindrosa situação de hoje, cheia de ódios e malquerenças, de violências e vexames, de fanatismos e vinganças, se modificará. A minha terra, a minha querida terra de Guimarães, tem fama de reaccionária. E eu pergunto-me a mim mesmo, muita vez, onde estão as características desse reaccionarismo. E' porventura porque haja aqui uma meia dúzia de igrejas, ou porque esta gente as frequênta? Muito podem então as aparências! A verdade é que eu estou aqui falando às pessoas que frequêntam essas igrejas, e nem por isso elas dão provas do seu desgosto ou da sua condenação ao que eu digo. E' demais, não sei o mal que há em haver igrejas. Que tenho eu com as necessidades morais, com os melindrosos problemas de consciência de cada um? Que tenho eu com as aspirações sentimentais dos outros, se eles me deixam em paz nas minhas? Se eu sei que hoje há, na América e na Europa, um intenso e notavel movimento de carácter religioso, para que hei-de eu ter a pretensão de abafá-lo, de contrariá-lo, se ele é espontâneo e natural? Se em todas as religiões há uma parte de verdade e uma parte da mentira, se todas elas, no fundo, no que é estrutural, primordial, básico, se confundem e são iguais, se o sentimento religioso é um—para que perseguições religiosas, violências religiosas, questões sangrentas por motivos de religião? Abram-se as igrejas de par em par. Frequêntem-as quem quizer, e tenha absolutamente garantida a liberdade de frequêntá-las, quem sssim o desejar. Nunca pensei, nem soube pensar de outra maneira.

Instruir e educar! Bem preciso se torna que instruoamos e eduquemos. Por seu lado ministrarmos, espalhar as conclusões da sciência, para que os terrores infantis, as superstições, e empirismos desapareçam. Por outro lado, e no actual momento, é êste o principal papel, educar, para que a tolerância viva entre nós, para que a paz definitivamente assente arraias entre nós. Em Guimarães, como na sociedade portuguesa em geral, há um manifesto, um grave retraimento de grande parte, da quasi totalidade dos seus melhores elementos. Não aparecem, ninguém os vê, e a Pátria portuguesa, hoje representada pela República, precisa dêles, da sua colaboração, do seu esforço, do seu sacrificio. Nesta missão sagrada e profundamente nacional de congraçar com a República todos os que, por erro de alguns republicanos, com a República se indispuzeram, ando eu infatigavelmente desde há muito, porque entendo que se contribui para que se libertasse o país do feudo de um só, não o fiz para que se entregasse êsse país ao desvário e ao arbítrio de uma minoria exaltada e incompetente. A República fez-se para que o país se governasse a si

mesmo, com as suas próprias opiniões, com as suas próprias crenças, com os seus próprios defeitos. *Instruir e educar*... Nós temos que ensinar a nação a ser tolerante e pacífica, porque só na tolerância se vive e só na paz se progride. Temos que deixar nas consciências os problemas que só às consciências pertencem. Quando uma casa está a arder, os bombeiros não tem que saber das crenças religiosas ou políticas do dono da casa. E quando o médico é chamado à cabeceira de um enfermo não tem que investigar se é monárquico ou católico, se é protestante ou socialista. Nós hoje, todos, só temos que ver que somos portugueses, respirando o mesmo ar, aquecidos pelo mesmo sol, vivendo do mesmo passado, devendo, pois, caminhar unidos para o mesmo futuro. Minhas senhoras! Av. ex.^{as} compete um grande papel nesta obra de pacificação, de harmonia e de progresso. V. ex.^{as}, que vieram a esta festa de hoje, a esta festa republicana, onde vim falar com velhos republicanos, v. ex.^{as} podem e devem influir para que a sociedade vimaranense, parcela importante da sociedade portuguesa, não esteja dividida. Eu sei, eu sei o que v. ex.^{as} vão dizer. Mas—perdoem, esqueçam!—esquecer e perdoar é das mais nobres e mais altas funções da mulher. Esquecer agravos, perdoar ofensas é, hoje, uma grande obra patriótica. Esqueçam e perdoem! Esquecer e perdoar é sintoma de força, e v. ex.^{as} são fortes daquela força que vem do prestigio moral, do coração, do sentimento, da abnegação, do desinteresse, que sempre as caracterizaram.

Por que esquecer e perdoar é sinal de força, é que eu ando a pregar a oportunidade, a necessidade de a República, abertamente, claramente, apoiada no seu prestigio e na sua força, dar uma ampla, uma completa amnistia a todos os envolvidos em questões religiosas e políticas. Quem assim fala tem autoridade para fazê-lo, porque amando a República mais do que a si próprio, sendo capaz de dar pela República a própria vida, tendo sacrificado pela República a sua própria comodidade, o que é nada, mas a tranquilidade, o bem-estar, e a felicidade da sua própria família,—o que é muito,—tem a certeza de amanhã, tornada real uma restauração monárquica, não lhe ser permitido talvez viver mais na terra portuguesa; pois não quero, não tolero que a República seja acusada de crimes que são da responsabilidade apenas de alguns republicanos. Chamam-me talassa, alguns dos que só para a República vieram depois que a República se fêz. Não me incomoda a designação. Esse epíteto proferido por certas bocas, é, hoje uma honra, e eu sinto-me muito honrado porque alguns dêsse me chamam assim!

Instruir, educar... Instruam e eduquem, minhas senhoras, pelo seu exemplo, e sejam as primeiras a contribuir para o infcio definitivo de uma época de harmonia estável. Todos sabem que por detrás das minhas palavras não há qualquer intuito interesseiro e mesquinho. Nada peço, nada quero, porque nada sou. Esqueçam mesmo v. ex.^{as} o meu nome. Suponham-me nesta noite uma daquelas *étoiles filantes* que brilham um minuto no ceu e para toda a eternidade desaparecem.

Não vejam a minha pessoa, nem fixem o meu nome: oiçam apenas a minha voz. Ela é neste

momento a voz do passado da Pátria. Porque ela desperta em v. ex.^{as} aquele amor, aqueles sentimentos que animaram e inspiraram as grandes mulheres da nossa história, que pela Pátria sacrificaram tudo, desde a sua vida até ao seu amor de mãis. Eu sou a voz do Passado que lhes vem lembrar a grandeza de outrora, a glória de outrora, quando nós iam levar a civilização ao mundo ignorado e na sagrada bandeira portuguesa o prestigio da Força. E é a v. ex.^{as}, que vivem ainda um pouco desse passado, que eu me dirijo, pedindo-lhes que não confundam os desvarios e as exaltações, os crimes e os vitupérios dessa minoria demagógica que está perturbando e envenenando a vida portuguesa, com a República que veio para salvar a Pátria, para honrar, nos progressos do Futuro, as grandezas do Passado distante... Que seja eu o traço de união entre v. ex.^{as}, que ainda vivem um pouco do Passado, mas a quem o Futuro não afugenta, e os outros, os que vivem já um pouco mais do Futuro, mas que não são nem sabem ser injustos para com o passado. Reconciliem-se todos os que me ouvem, com a República, e dando-nos todos as mãos, porque todos somos portugueses, caminhemos todos inspirados pelo mesmo sentimento de amor, pelo mesmo sentimento de abnegação e de sacrificio pátrio.

Instruir e educar... E' assim que se instrue, é assim que se educa, levando a todos, aos pobres e aos ricos, aos grandes e aos pequenos, aos velhos e aos novos, a noção do dever a cumprir, o sentimento da liberdade a respeitar, a prática da tolerância a acatar, a colocar sempre acima dos direitos, anárquicos e desperisivos, os deveres, orgânicos e disciplinadores.

E' bom ensinar a ler, a escrever e a contar. E' bom e é preciso. Mas é melhor e mais necessário ensinar a quererem-nos bem, a respeitarmos-nos sempre, a sermos tolerantes uns com os outros, porque ninguém possui a absoluta Verdade, a absoluta Justiça e o absoluto Bem. Eu quero levar, nesta noite que, por motivos íntimos, tam bela hora de felicidade marca no meu coração, a impressão de que os equivocados, a frieza, o indiferentismo que se tem notado na terra de Guimarães, vão desaparecer, e de que v. ex.^{as}, minhas senhoras e meus senhores, compreendendo bem a verdadeira significação das palavras *instrução e educação*, vão procurar, amando acima de tudo a sua Pátria e o futuro da sua terra, vencer o abismo que os erros de alguns cavaram entre v. ex.^{as} e a República—contribuindo assim, com a abnegação que caracteriza v. ex.^{as}, para o advento de uma época de prosperidade e de grandesa em que a República não seja uma mascara que disfarce a tirania, e em que a nossa vida não seja um pântano que nos envenene a todos.

A atenção com que me ouviram e que eu agradeço é a demonstração de que me não enganou. E é por isso que eu não hesito em estender a mão a uns e outros, ligando-os, unindo-os, solidarizando-os no mesmo casamento sagrado, e formando, nesta pequena e nobre terra de Portugal, um nucleo, constituido pelo que de melhor ela possui, como intelligencia, como honra, como trabalho e como riqueza, que busque contribuir para o advento de um melhor futuro!

Tenho dito.

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

Mimos aos párocos

A comissão municipal dêste concelho continua a impôr aos párocos a mesma quota de contribuição que antes do regimen da separação da Igreja.

Em que bulas ou leis se funda para cometer esta gritante iniquidade, ninguém o sabe. Só quem fôr burralmente estúpido, é que desconhece que a situação económica dos párocos é agora muito diversa do que era no tempo da união do Estado com a Igreja. Pois os nossos edis feitos a pressa parece que laboram nesta desonrosa insciência. E, se de facto não laboram, torna-se evidente que querem ser propositadamente iníquos.

Daqui não há sair, ainda que tenham força de burro ou habilidades de raposa. Toda a contribuição deve incidir sobre bens ou rendimentos, cuja existência se possa provar sem vexames nem investigações inquisitoriais. Ora qual é agora o rendimento dos párocos? Não há um só que se possa gabar de não sofrer grande desfalque com a execução do decreto separatista; e muitos ficaram reduzidos à miséria. Isto é a pura verdade, mas os pitos-gas dos nossos vereadores por bambúrrio não são capazes de o reconhecer.

Mas, pouco ou muito, o rendimento que os párocos agora recebem, não tem nenhuma garantia legal. O clero paroquial vive agora das *esmolos* que os fiéis, espontaneamente, lhe liberalizam. Pois os nossos edis de aventura teem um coração tam generoso que até lançam contribuições sobre esmolos! E ainda são capazes de se empavonar de democratas, de homens liberais, de amigos do progresso e de outras farfalharias ócas.

Bem se vê que não entraram pela porta, mas pela janela; não são os representantes do povo, mas delegados da tirania que impera no alto.

Não foram colocados ali pelos seus méritos, pela sua competência, pelas suas boas qualidades, mas na falta de homens. Como não havia onde escolher, aproveitou-se *aquilo*.

E eles, posto que não tenham sido escolhidos pelo povo, podendo dignificar-se e enaltecer-se, uma vez ali colocados, pela recidiva do seu proceder, pelo bom senso da sua administração, pela justiça das suas obras, teimam em deixar a descoberto as suas mal afamadas origens. Não são a câmara, são uma *cambrá*, como diz o povo na sua linguagem tam expressiva e tam pitoresca. São uns doutores de sciência barata, que podiam fazer uma bela figura numa terra sertaneja, mas que em Guimarães estão lastimavelmente deslocados.

Já antes do regimen da separação todos reconheciam que o clero paroquial, no geral, estava miseravelmente dotado. Realiza-se a separação e então os párocos ficam numa situação tam penuriosa que, se quiserem viver, precisam de mendigar.

E a *cambrá* de Guimarães, animada de altos sentimentos filantrópicos, delecta-se em apertar essa situação!

Que ternos não devem ser os corações dos nossos edis para praticar gentilezas tam honoríficas! O que eles são é uns cobardes da pior espécie.

Como vêem que todo o partido dominante malha bestialmente no clero, eles, numa inconsciência de doidos, acompanham.

Ninguém lhes pedia benevolên-

cia para uma classe que hoje carga com os ódios e contumélías de tudo quanto há de mais vil, de mais baixo e de mais perverso na sociedade portuguesa. Mas o que se esperava, é que, não se deixando arrastar na onda, fôsem simplesmente justos.

O que se vê, é que da sua parte estão resolvidos a concorrer, quanto possam, para o extermínio dos párocos pela fome. O povo que lhes agradeça esta dedicação. Tributar as pobres migalhas que os curas de almas vão recolhendo para não morrerem inteiramente exinanidos, isso revela obtusão de inteligência ou derrancamento do coração.

Se os senhores edis forem susceptíveis de remorsos, tenho a certeza de que o espinho que mais lhes há de pungir a consciencia nalgum raro momento de introspecção, há de ser esta injustificável dureza de concorrerem para tornar mais angustiosa a vida dos párocos. Homens de senso, de tino, de coração, não faziam o que eles teem feito.

P. A.

Bocadinhos de ouro

Os senhores democráticos não se cançam de fazer correr mundo a atoarda de nova incursão, para mais à vontade poderem justificar as perseguições acintosas e ferozes que vem pondo em prática não só contra os conspiradores mas também contra aqueles que lhes são desafectos.

Para prova veja-se êste bocadinho do extracto da sessão da câmara dos deputados de sexta feira:

Fala o sr. Afonso Costa:— Realizou-se a segunda incursão e depois de um largo debate deliberou-se organizar os tribunais militares e ainda êstes não acabaram de liquidar as responsabilidades da primeira e da segunda incursão e já se pensa lá fóra numa terceira.

Replica o sr. António Granjo:—que, se se está formando outra conspiração, isso mostra que os republicanos não teem sabido usar dos bons processos para promoverem a união do país. Da sua bôca só teem saído palavras de guerra; é preciso que se ouçam as de paz.

De resto, ninguém julga que os tribunais militares que êle, orador, é o primeiro a afirmar que cumpriram o seu dever como deviam, hão de existir eternamente.

E não há que vêr. Foi vencido o sr. António Granjo e todos aqueles que tinham o louvável empenho de conseguir que os tribunais marciais ou acabassem ou andassem mais depressa.

Se o sr. Granjo e outros propoessem antes a degolação dos anti-afonsistas teriam a aprovação ruidosa de toda a esquerda.

Talassas

Os republicanos honrados deram agora em *talassas* e não só se honram quando assim lho chamam como são eles os próprios que tal se declaram.

Há dias disse o sr. Dr. Alfredo Pimenta no nosso teatro que hoje era uma honra ser *talassa* em Portugal e agora vemos o sr. dr. Cunha e Costa, em uma carta dirigida ao *Dia*, importante diário da capital, assinar-se *republicano talassa*.

Essa carta é dum enorme valor político e como nem todos os nossos assinantes leem o *Dia*, mormente os das aldeias, vamos transcrever o programa de govêrno que ela encerra para que avaliem da forma como pensam os republicanos honestos:

1.º—A anistia pleníssima a todos os suspeitos, com absoluto esquecimento do passado e reintegração nas funções que antes exerciam, ou antes equivalentes, sem prejuizo, claro está, das situações criadas pela República, pois em política a primeira virtude do homem de Estado é *saber esquecer*;

2.º—Revisão cuidadosa da obra do govêrno provisório e, em especial, das leis da separação e do inquilinato, esta pelos fundamentos que são do domínio público e aquela porque, apesar de tudo quanto em contrário se alegue, o país é profundamente católico e não pode, por ora, ter outra disciplina moral, sendo essa a crença não só da grande maioria dos literatos mas ainda de muita gente culta, entre a qual êste seu criado, que não é nem dos mais estúpidos, nem dos menos úteis;

3.º—Independência absoluta do poder judicial, sem a qual a garantia suprema de todos os interesses se transforma na pirataria organizada e na legalização da carta de curso;

4.º—Lei rigorosa de incompatibilidades, a principiar pela incompatibilidade entre o exercicio da advocacia e o de certas funções;

5.º—Abolição imediata de todas as leis de excepção;

6.º—Ingresso da República em moldes acentuadamente conservadores, posto que progressivos, pois ninguém nasce de maior idade nem com dentes;

7.º—Proscrição de todas as fantasias caras e incompatíveis com um país sem estradas, sem instrução, sem hygiene e, em muitos lugares, sem pão, tais como: *brincar* aos aeroplanos, *brincar* aos formidáveis exercitos, *brincar* à invencível armada;

8.º—Remover quaisquer atritos com a Espanha, *receio internacional que não existia no antigo regimen*, convencendo-a de que cada povo tem o govêrno que quer ou o mais adequado às suas circunstâncias actuais, e que não pretendemos meter o nariz nas suas questões internas pois mal nos chega o tempo para tratar das próprias;

9.º—Exaltar a *tolerância* como virtude cívica primária, facultando aos adversários todas as formas de debate e fiscalização;

10.º—Cercar o presidente da República das indispensáveis condições de prestígio e decôro;

11.º—Convencer a antiga sociedade que a sua colaboração é indispensável à viabilidade do regimen;

12.º—Melhorar a situação das classes trabalhadoras por via de recíprocas concessões entre o capital e o trabalho, pois qualquer outra fórmula arruinará ambos em prejuizo da nação;

13.º—Quanto à questão económica e financeira chamar, sem olhar a côres ou seitas, quem delas entenda e habilitar o respectivo titular a cercar-se dos colaboradores nacionais ou estrangeiros que entender convenientes.

Teatro Gil Vicente

Hoje, a representação da peça em 5 actos e 8 quadros

AS DUAS ORFÃS

em beneficio dos porteiros do mesmo teatro, revertendo 10 % do producto líquido para a Caixa de Socorros dos Bombeiros Voluntários.

Abrilhanará êste espectáculo a Nova Filarmónica Vimaranense.

Porque será

A taberneira que forneceu a alimentação aos prêsos políticos ainda não recebeu a importância dessa alimentação, que monta a umas dezenas de mil réis.

A pobre mulher tem andado em via dolorosa pela administração, câmara e govêrno civil e ainda não conseguiu receber o seu rico dinheirinho.

Porque será?

Também não haverá verba?

Mas então a pobre mulher tem alguma culpa de que haja verba ou deixe de haver e deve estar assim prejudicada com o atraso do pagamento?

Rebate falso

Trata-se, como não podia deixar de ser, da peça teatral do sr. A. L. de Carvalho em dois actos e um apêndice.

No nosso penúltimo número dissemos que seríamos carpinteiros no dia 28 em que ela foi a scena, ou melhor, em que se realizou o seu entêrro, mas não podemos sê-lo porque teremos de ser serradores, isto é, cortá-la cerce e deitá-la para o lado.

Apesar da *fouçada* que já levou desde a sua primitiva contextura, não conseguiu o auctor fazer obra de geito, pois a peça é totalmente incompreensível, desde o ensino por música ministrado pelo mestre escola até á anulação do alvará de transferência conseguido por sua irmã com escala pelos amores e fuga desta, etc. etc. etc.

Se não é bem o que se chama em gíria teatral um *pastelão*, é, pelo menos, um *pastelinho* muito regular.

O auctor foi chamado ao palco, do que veio ufanar-se no seu *Tra-po*; porem de justiça é dizer-se que essa chamada foi uma generosa deferencia da plateia e nunca porque o seu trabalho tal distincção merecesse.

Deve com justiça dizer-se que muito contribuiu para o desastrado entêrro da peça a Companhia Dramática Portuguesa, que se houve da forma a precisar de uma corrida de batata, excepto o ponto que precisaria de uma canja de galinha tais os esforços que empregou para que os artistas ouvissem os papeis, de que não sabiam nem patavina, apesar de lhe terem sido entregues com 20 dias de antecedência.

O actor Campos deu-nos um mestre escola muito *agitado*, o Freitas um reitor muito *empoleirado* na delgada bengala e muito estúpido que nem o português sabia, o Corrêa Peixoto um gago muito *engasgado*, muito exagerado, muito desengraçado e sem a compreensão do papel que desempenhava, a Carlota uma mania muito *perluquitetes* de mais cujo fato não se harmonizava com o estafado frak do mano, esquecendo-se de trazer a roca na cin-

ta quando entrou a fiar, e os outros... fizeram o que puderam. Um conjunto detestável que nem Paio Pires suportaria.

Entrou também um burro em scena, e foi êsse o único *personagem* que desempenhou correctamente o seu papel.

Se quereis adquirir uma boa e segura bicicleta, a dinheiro ou a prestações, ide à ourivesaria de Fernandes & Cruz, que as vende por preços barattísimos.

Análises de urinas, esscarros,

pus, sangue, vinhos, vinagres, azeites, queijo e manteiga, etc.

Laboratório de análises, junto à farmácia Dias Machado GUIMARÃES

Interesses no Brasil

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a direitos e interesses de portugueses no Brasil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papeis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral, — rua da Fábrica, 78.

Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

FUNILEIRO

Manuel Ferreira da Costa

Faz e concerta toda e qualquer peça de obra pertencente à sua arte, tanto em fôlha, como zinco ou cobre.

Também se fazem gazómetros para acetilene, pulverizadores, caixões de chumbo para funerais, banheiras de todos os tamanhos e feitios, encações de agua ou gaz em tubo de chumbo ou galvanizado, assim como assentamento de retretes e suas pertenças. Tudo por preços módicos.

Rua de Francisco Agra, 31, 33.

GUIMARÃES

AVISO IMPORTANTE

Benjamin de Matos, com estabelecimento de fazendas no Campo do Toural, 105, previne o público que não compre bicicletas sem primeiro examinar as máquinas das reputadas marcas como sejam:— The Tagus—Spring—Kirmer Dura—Derby—Rateigh—Idial—Sirius, todas do modelo de 1912, de que é único correspondente no concelho de Guimarães, e que as vende postas nesta cidade pelos preços das fábricas, assim como todos os acessórios para as mesmas.

Bicicletas novas, com todos os acessórios, desde 22\$000 réis.

Colégio

Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico
Luís Gonzaga Pereira.

TIP. MINERVA VIMARANENSE

Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfeitos e rápidos.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



MACHINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
DAS
FABRICAS DO COMPRADOR
VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MACHINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇOAM-
ENTOS
NEM
MECHANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar: Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Espanha	
Sem estampilha.	
Ano	1\$200 rs.
Semestre	600 "
Pelo correio	
Ano	1\$300 "
Semestre	650 "
Trimestre	400 "
Estados U. do Brazil (ano)	1\$600 "
Países da União Postal	2\$000 "
Número avulso	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adiantado)

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contrato convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até	
5 linhas, cada um	100 "
Anunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.	

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranense

GUIMARÃES

O LUSITANO

I Ano

Publicação semanal de Guimarães

Num. 26

Ex.º Sr.